

## ESTUDO INTERTEXTUAL: DRUMMOND X DRUMMOND

Lealis Guimarães Frederico\*

### RESUMO

Este trabalho visa a analisar o diálogo intertextual existente entre o **Poema de sete faces** de autoria de um dos maiores poetas modernos, Carlos Drummond de Andrade, e outros textos poéticos do mesmo autora, enfatizando a posição "gauche" do homem do mundo.

### ABSTRACT:

This paper aims at analysing the intertextual relationship between **Poema de sete faces**, by one of the best modern poets, Carlos Drummond de Andrade, and poetic texts by the same author, emphasizing the "gauche" position of man in the world.

**Unitermos:** Intertextualidade, Diálogo, O Mundo X O Homem

**Key-words:** Intertextuality, Dialogue, The World X The Human Being

### 1. Introdução

Sabe-se que todo texto tem variabilidade de leituras com uma carga de previsibilidade que depende da competência intelectual do leitor, como parte do contexto que determina a recepção. E, segundo Carlos Reis, "*a análise textual fundada na problemática da intertextualidade, procurará descortinar no texto o reflexo mais ou menos visível de outras práticas textuais*" (1992, p. 128). Entende-se então que um estudo intertextual consiste em fazer a integração de uma temática numa "*dinâmica de interação intelectual*" (Reis, 1992 p. 129), possibilitando a análise semiótica do discurso.

O presente estudo objetiva estabelecer o diálogo entre o texto poético **Poema de sete faces** e outros poemas do poeta mineiro itabirano Carlos Drummond de Andrade, uma vez que "*o significado poético remete a outros significados discursivos, de modo a serem legíveis, no enunciado poético, vários outros discursos*" (Kristeva, 1974, p. 174).

Carlos Drummond de Andrade pertence à segunda geração do modernismo brasileiro (1922), não se tendo deixado envolver pelo espírito de destruição desta geração, embora se declare deslocado no mundo: "*gauche na vida*" (1967, p. 53).

---

\* Docente de Língua Portuguesa do CESULON e Mestranda da UNESP, Assis, SP

Pode-se afirmar ainda que ele é um clássico do modernismo brasileiro, visto que, segundo Ezra Pound, um autor é clássico "devido a uma certa juventude eterna e irreprimível" de sua obra (1990, p. 22).

O poema analisado, intitulado **Poema de sete faces**, faz parte do livro **Alguma Poesia**, escrito entre 1923 e 1930, publicado primeiramente em Belo Horizonte, pela Editora Pindorama, em 1930. No poema citado, o poeta se justifica por ser "*gauche*" na vida, buscando sua identidade. Sua poesia é repleta de questionamentos sobre o mundo, as coisas, e a vida do homem, fazendo um "*vaivém dos sentidos ao objeto, do objeto aos sentidos*", como afirma Alfredo Bosi (1997, p. 499). Sente-se que os acontecimentos mundiais tiveram muita ressonância na sua obra, pois estava procurando solução para o confuso e descompassado relacionamento Mundo X homem, com seu rigoroso fazer poético de observador minucioso, em linguagem repleta de fino "humour". Assim o poeta "*pensa e recorda e sente e observa e escuta e faz e experimenta e não recusa nenhum momento essencial do processo poético*" (Bosi, 1991, p. 71), reconsiderando o caráter plural do trabalho artístico na modernidade.

## 2. Estudo intertextual

A intertextualidade cruza os diversos discursos poéticos e as várias vozes dialogam entre si estabelecendo combinações híbridas. **O Poema de sete faces** tem sete estrofes que representam as sete posições do homem, sempre colocado em segundo plano no confronto com o seu próprio cotidiano. Assim, pela ótica drummoniana, observa-se aqui:

1. O Mundo X o homem (primeira estrofe);
2. Os Outros X o homem (segunda estrofe);
3. Os Trabalhadores X o homem (terceira estrofe);
4. A Aparência X o homem (quarta estrofe);
5. Deus X o homem (quinta estrofe);
6. O Sentimento do mundo X o homem (sexta estrofe);
7. O Sonho X o homem (sétima estrofe).

Tendo-se em vista que, como afirma Otávio Paz, "*el poema no es una forma literaria sino el lugar de encuentro entre la poesia y el ombre*" (1967, p. 14), neste poema contempla-se o homem subjugando-o, simbolicamente, ao mundo, às casas, às pernas, à aparência, a Deus, aos sentimentos, para se chegar à síntese intelectual de intensa inquietação na busca de solução para o mundo. Através da poesia, o escritor leva o leitor a fazer a leitura desse "vasto mundo", espiando juntos o cotidiano do ser humano.



## 2.1 Drummond X Drummond

### "Poema de sete faces"

*"Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser 'gauche' na vida.*

*As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.*

*O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.*

*Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.*

*Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo."*

(Drummond, "Alguma Poesia", 1967,p. 53)



O poema apresenta uma visão do mundo profundamente marcada pela reflexão sobre o estar no mundo. Assim analisam-se as sete posições do homem no mundo:

### 1ª. O Mundo X o homem

Nesta primeira face, correspondente à primeira estrofe, apresenta-se o homem descompassado no seu relacionamento com o mundo, tentando encontrar seu espaço numa época turbulenta entre as duas grandes guerras mundiais. Ele questiona se o mundo está errado ou se ele já nasceu mal situado no contexto mundial, visto se considerar um "gauche" (em francês, significa esquerda, contrário). Este texto remete a versos do poema **Sonetinho do falso Fernando Pessoa**, em que Drummond faz o mesmo questionamento:

*"Onde nasci, morri.*

*Onde morri, existo*" ("Claro Enigma", 1967, p. 238)

Sentindo-se como um "peixe fora d'água", o homem procura ser autêntico, indiferente às categorias morais preestabelecidas. Assim, aconselhado por um "*anjo torto*" que vive na sombra, participa da carnavalização da vida, já que, segundo a teoria bakhtiniana, o carnaval é "um estado peculiar do mundo" em que a liberdade é a lei máxima. (1993, p. 6)

### 2ª. Os Outros X o homem

A segunda face é a do homem insignificante sendo analisado pelas casas ou seja, pelos outros homens, considerando-se casa como metonímia de habitantes, pessoas, seres humanos. É comum, nas poesias drummonianas, a retomada de coisas que fazem parte do dia-a-dia do homem transformadas em signo. Então, as casas espiam e analisam as atitudes humanas tecendo considerações críticas sobre a obstinação dos homens correndo "*atrás de mulheres*": "*a tarde talvez fosse azul, (se) não fossem tantos desejos*", tantos desatinos. E mais outras vezes percebe-se esse mesmo olhar em **Moça e Soldado**:

*"Meus olhos espiam*

*a rua que passa*" (Alguma Poesia", 1967, p. 70).

Ou como diz em **Um boi vê os homens**,

*"Toda expressão deles mora nos olhos - e perde-se*

*a um simples baixar de cílios, a uma sobra*" ("Claro Enigma", 1967, p. 238).

Também no poema **Cidadezinha qualquer**, é através dos olhos que se expressa a reação diante das coisas da vida:

*"Devagar... as janelas olham*" ("Alguma poesia", 1967, p. 67).

### 3ª. Os Trabalhadores X o homem

Já na terceira face (estrofe), o homem se mostra metonimicamente reduzido as pernas. São as pernas de todas as raças de trabalhadores e o eu-lírico se põe a observá-las, tentando descobrir um espaço no futuro para onde elas possam estar caminhando.



Quando seu coração pergunta "**Para que tanta perna, meu Deus**", suas emoções incitam-no à curiosidade para encontrar a resposta tão procurada. E as pernas também apenas passam pela vida, como em **Moça e Soldado**:

*"Meus olhos espiam  
as pernas que passam.  
Nem todas são grossas...  
Meus olhos espiam.*

*Passam soldados.  
... mas todas são pernas.  
Meus olhos espiam.  
Tambores, clarins  
e pernas que passam."* (1967, p. 70).

O bonde que transporta o homem pela vida é outro simbólico de oportunidade, de esperança, constantemente presente na poética drummoniana, como se observa em **Aurora**:

*"O poeta ia bêbado no bonde"* ("Alguma Poesia", 1967, p.83).

E em **Soneto de perdida esperança**:

*"Perdi o bonde e a esperança"* ("Alguma Poesia", 1967, p. 84).

#### 4ª. A Aparência X o homem

Esta quarta face indica que as verdadeiras emoções do homem não se mostram abertamente, mas se ocultam atrás da aparência séria do homem de óculos e de bigode. São os sentimentos obscuros do homem, escondidos atrás de uma aparência séria, artificial, beirando o grotesco, como uma máscara de carnaval, visto que *"é na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco"* (Bakhtin, 1993, p. 35). Estabelece-se então o diálogo da aparência com a essência, também apresentada em **Um boi vê os homens**:

*"...Certamente falta-lhes  
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres  
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,  
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam  
nem o canto do ar nem os segredos do feno,  
como também parecem não enxergar o que é visível  
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes  
e no rasto da tristeza chegam à crueldade"* (1967, p. 238).



### 5ª. Deus X o homem

A quinta face mostra a pequenez do homem diante de Deus. Lembra a passagem bíblica em que Cristo, sofrendo pregado na cruz, perguntou: "*Pai, por que me abandonaste?*". Nota-se aqui o apelo do ser humano já sem forças para reagir diante das adversidades da vida afirmando que "*não era Deus*", que "*era fraco*". Essa sensação de abandono e solidão aparece em vários outros textos da poética drummoniana como em **Edifício Esplendor**:

*"Que século, meu Deus! diziam os ratos"* ("José", 1967, p. 126)

E também, inversamente, a pergunta do próprio Deus, em **Tristeza no céu**, tentando entender esse mundo tão conturbado que Ele mesmo criara:

*"Por que fiz o mundo? Deus pergunta*

*e se responde: Não sei"* ("Jose", 1967, p. 127).

### 6ª. O sentimento do mundo X o homem

Na sexta face, o poeta ressalta o empenho do homem em achar solução para os problemas do mundo através da exposição de seus sentimentos que são impotentes porque sua sensibilidade é muito grande. Essa busca é explicitada nas perguntas feitas em **Perguntas em forma de cavalo-marinho**:

*"A que aspiramos?*

*Que possuímos?*

*Que relembramos?*

*Onde jazemos?"* ("Claro Enigma", 1967, p. 237).

Sabendo que seu coração é "mais vasto" que o mundo, no poema **Mãos Dadas** manifesta-se também essa disposição para mudar tudo, para melhorar o mundo e buscar o caminho certo, à procura de respostas:

*"Não serei o poeta de um mundo caduco.*

*Também não cantarei o mundo futuro.*

*Estou preso à vida e olho meus companheiros.*

*Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.*

*Entre eles, considero a enorme realidade.*

*O presente é tão grande, não nos afastemos.*

*Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas"* ("Sentimento do mundo", 1967, p.111)

### 7ª. O Sonho X o homem

A sétima e última face apresenta o sabor amargo do sonho irrealizado pelo homem. Novamente objetos são invocados ("lua, conhaque") levando ao romantismo, ao desabafo íntimo do poeta com o leitor, propiciado pela bebida e pelo luar. O sonho distante de tentar resolver os problemas do mundo é representado pela lua sempre distante e romântica. Em outro poema, **Luar em qualquer cidade**, também há referência à mesma imagem da lua:



*"O luar deixava as coisas mais brancas.*

*As estrelas desapareciam.*

*As casas, as moitas: impregnadas*

*não de sereno, de luar.*

.....

*Boiávamos em luar..."* ("Viola de Bolso", 1967, p. 127).

Já o conhaque é o sabor amargo da vida que leva o gauche a se confrontar com o real. Mesmo assim, há convicção de que é esta realidade que o leva a se comover com a situação da humanidade. E, como diz Alfredo Bosi, "*ao artista é dado combinar sensações, imagens, representações*" (1991, p. 15), como faz Drummond nesta estrofe.

A análise da situação do homem no mundo, segundo a visão apresentada no **Poema de sete faces**, pode ser resumida pelo seguinte verso de **Cidadezinha Qualquer**:

*"Eta vida besta, meu Deus"* ("Alguma Poesia, 1967, p. 67).

### 3. Considerações Finais

No **Poema de sete faces**, o anjo torto propõe uma inauguração de vida para não se continuar simplesmente repetindo as mesmas coisas que os antepassados fizeram. É o tema da identidade, mostrando o ser humano como guache no mundo. Pode dizer que há um "sentido obtuso" (Barthes, 1990) em ser gauche na vida porque existe uma significativa perturbação na ordem normal das coisas, como se fosse o mundo invertido do carnaval. E através da intertextualidade, o enunciado poético dialoga com outros enunciados legíveis no seu discurso.

Assim sendo, nota-se que no diálogo entre o **Poema de sete faces** e outros poemas de Carlos Drummond de Andrade fica visível o sentido da diferença entre passar pela vida (estar no mundo) e viver a vida (viver no mundo). O estar no mundo implica imposição sem direito à escolha. Já o viver no mundo é participar da vida livremente, procurando seu próprio caminho, mesmo que signifique caminhar contra as normas pré-estabelecidas pela sociedade, liberando a consciência, o pensamento e a imaginação seguindo os preceitos bakhtinianos de carnavalização.



## Bibliografia:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabail**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ednub, 1993.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 493-500.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1991.
- KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- PAZ, Otávio. **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 1967.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- REIS, Carlos. **Técnicas de análise textual**. Coimbra: Almedina, 1992.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1984.